

## A ANGÚSTIA EXISTENCIAL NAS LITERATURAS DE JEAN-PAUL SARTRE E VERGÍLIO FERREIRA: A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NO PROCESSO DO CONHECIMENTO DO SER

**Germana Maria de Oliveira Silva**

Universidade Federal do Ceará

[olvjay@gmail.com](mailto:olvjay@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho tem como tema uma análise de pontos de contato entre duas obras literárias de base temática existencialista, sendo elas *Aparição* (1959) do escritor português Vergílio Ferreira e *A Náusea* (1938) do escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre. Objetiva-se apresentar as semelhanças nas construções da angústia vivenciada pelos personagens principais das duas narrativas, e sua relação com a epistemologia fenomenológica. Conclui-se que a fenomenologia foi a maior ferramenta utilizada por ambos os autores para representar a aflição que advém da contemplação do que podem ser considerados os maiores problemas existenciais: a dicotomia vida e morte e a natureza fugidia de todas as coisas.

**Palavras-chave:** Angústia; Essência; Fenomenologia; Literatura existencialista.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

**Germana Maria de Oliveira Silva**

Graduação em Letras - Português pela  
Universidade Federal do Ceará.



[lattes.cnpq.br/3541030153942844](https://lattes.cnpq.br/3541030153942844)



[orcid.org/0009-0003-2765-2324](https://orcid.org/0009-0003-2765-2324)

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas  
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil  
[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

## A ANGÚSTIA EXISTENCIAL NAS LITERATURAS DE JEAN-PAUL SARTRE E VERGÍLIO FERREIRA: A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NO PROCESSO DO CONHECIMENTO DO SER

**Germana Maria de Oliveira Silva**

Universidade Federal do Ceará

([olvjay@gmail.com](mailto:olvjay@gmail.com))

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho resulta da tentativa de apontar brevemente algumas similitudes entre os estados de reflexão ontológica em que se encontram os personagens principais de duas obras literárias distintas. São elas *Aparição* (1959), de Vergílio Ferreira, e *A Náusea* (1938), de Jean-Paul Sartre. As observações colocadas aqui são resultado da compreensão de que ambas as narrativas recebem influências diretas da filosofia existencialista que instigou boa parte da literatura europeia do século XX, o que é reforçado pela figura do escritor e filósofo francês não somente como figura de *maître à penser* dessa tendência filosófica, a qual ainda mantinha sua relevância e aplicabilidade durante o ano de publicação da obra portuguesa; mas também como autor que inaugura a produção de uma literatura fundamentalmente existencialista no continente.

A partir de alguns movimentos de aproximação, é possível reconhecer os protagonistas Alberto Soares (da obra portuguesa) e Antoine Roquentin (da obra francesa) como figuras que dialogam, mesmo sem serem contemporâneas. São tipos que compartilham de emoções, sentimentos, visões de mundo, acepções e até ambições de naturezas muito semelhantes. Nota-se que a sensação de angústia ou de mal-estar que permeia os dois textos – oscilando, mas nunca desaparecendo – é construída como reflexo das subjetividades internas desses personagens. Assim, considerando as semelhanças nas formas como tal angústia se manifesta e se sustenta nessas obras, a presente análise procura indicar alguns pontos de contato.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Alberto Soares e Antoine Roquentin estão inseridos em contextos semelhantes. O primeiro, professor recém-formado, passa a residir na cidade de Évora após a morte do pai com o intuito de ensinar no liceu da cidade. O segundo, historiador e pesquisador, vai até a cidade de Bouville para terminar o que viria a ser um compilado de fatos históricos sobre a figura do marquês de Rollebon. Estão, durante a extensão de ambas as narrativas, cercados não somente pelas vivências de seus trabalhos, mas por uma sensação constante de insatisfação e de verdadeiro incômodo que surge frente à primeira contemplação de suas próprias existências em um sentido puramente ontológico.

O intuito é o de mostrar que a tentativa de deter conhecimento da essência das coisas observáveis se constitui como a principal origem das inquietações dos personagens. A afirmação se torna mais clara quando entendemos que a incapacidade de reter as coisas e de conhecer integralmente suas essências está relacionada com a inevitabilidade da morte. Para isso, a filosofia oferece uma base, pelo menos para contextualização epistemológica básica dessas obras.

É importante ressaltar que o objetivo da metodologia escolhida não é optar por uma abordagem fenomenológica específica e defini-la, mas sim apresentar um panorama para a questão do existencialismo sartreano, que é considerado basilar para a construção de ambas as literaturas. São de fácil identificação as influências das contribuições de Sartre e do existencialismo na literatura de Vergílio Ferreira a partir de 1957, principalmente em títulos como *Aparição* e *Alegria Breve* (1965). Assim, é invocada uma corrente de influências, sistematizadas numa relação de intertextualidade entre as literaturas, como sistematizado por Julia Kristeva em consideração sobre a linguagem poética, que aqui ainda pode ser entendida como linguagem literária ou artística em si:

[...] todo texto constitui-se como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, ao menos, como um duplo. (KRISTEVA, 1974, p. 146)

Além disso, a fenomenologia nesta análise está muito mais relacionada a uma estratégia de metaforizar estados subjetivos e pessoais dos protagonistas a partir da observação de elementos que estão fora dos seres, apresentando-se a eles como imagens que recebem sentidos e significações alegóricas específicas. No contexto de Antoine Roquentin e Alberto Soares, essa nuance dialoga com o fato de a fugacidade dos ambientes e do tempo se relacionarem com a fugacidade do próprio ser, de suas memórias e suas vivências, fadadas ao desaparecimento representado pela morte.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Assim, a visão da literatura de Sartre como sendo uma espécie de conteúdo programático de sua filosofia não é inédita. No presente trabalho, a comparação com a obra de Vergílio Ferreira permite tematizar apenas um entre muitos romances que estiveram fortemente influenciados pelo pensamento e pelo fazer literário sartreano, uma vez que, nesse sentido, pela consideração de Bertrand Russell:

[...] boa parte do pensamento existencialista do autor é apresentada através de personagens que se defrontam com o tipo de apelo à ação que é uma faceta tão importante do existencialismo. O meio literário do romance proporciona o veículo perfeito para as reflexões sobre a condição humana. (RUSSELL, 2002, p. 440)

Deve-se evidenciar que a escolha de apresentar a influência de Sartre na literatura do escritor português não busca sobrepor esta ao fazer literário de Vergílio Ferreira. Residente em Portugal do nascimento, em 1916, à morte, em 1996, o professor e escritor a quem se atribui a autoria de muitas obras de renome para a literatura portuguesa soube inserir a temática existencialista em sua obra sem deixar de lado o seu modo particular de escrita. A escolha de *Aparição* como um dos objetos de análise deste trabalho busca reverenciar o trabalho de Vergílio Ferreira, estendendo a riqueza de sua obra ao relacioná-la a outro grande romance da literatura europeia publicada no século passado.

Claro está que apresentar uma exposição detalhada de todos os elementos que constroem o desconforto dentro dessas narrativas demandaria mais desenvolvimento escrito, considerando a profundidade da construção das duas obras. Isso especialmente se a pretensão for a de fazê-lo com uma fundamentação filosófica ampla e que permita conhecer integralmente os “estados de espírito” dos protagonistas, inseridos em obras com altíssimo teor simbólico.

Em termos de metodologia, a análise se deu, em primeira instância, a partir da leitura comparativa de ambas as obras, com o estabelecimento de pontos de contato ou semelhanças muito evidentes entre as narrativas, compreendendo desde questões temáticas até organizações sintáticas específicas. Em segunda instância, foi feita uma catalogação meticulosa dos trechos em que a evidência da fenomenologia estivesse mais explicitamente ligada à questão da angústia existencial. Com isso, o objetivo era verificar se o uso dessa base mais relacionada à filosofia estava alinhado, em ambas as obras, a um mesmo intuito: o de fazer uma comparação entre a fugacidade da realidade e a fragilidade da existência humana.

Logo, o movimento de comparar os textos não ocorreu somente pela necessidade de equivaler ambas as literaturas, mas também pela busca do sentido da teoria do conhecimento básica da qual os autores se valeram para, primeiramente, gerar as

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

subjetividades e as consciências dos personagens e, secundamente, materializá-las em linguagem literária. Trata-se de uma investigação dos motivos, pois a noção de intertextualidade anteriormente citada se relaciona a

[...] um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos. A compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparativista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações. Dito de outro modo, o comparativista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior, [...] mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. (CARVALHAL, 2006, pp. 52-53)

### A FENOMENOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM O “EU” ANGUSTIADO

Ao resgatar o objetivo básico da fenomenologia de propor o retorno às coisas mesmas, referenciamos toda uma tradição pensada por Edmund Husserl e que, em meados de 1930, passa a dialogar com as linhas de interpretação da ontologia e a ter Martin Heidegger como maior representante. No presente trabalho, utilizando um aporte teórico baseado na questão fenomenológica, sem necessariamente se desdobrar sobre essa, optou-se por privilegiar, com mais enfoque, as obras, objetos de análise, bem como as considerações de Jean-Paul Sartre acerca do existencialismo literário e filosófico, melhor discutidas no livro *O Ser e o nada*, publicado em 1943, apesar de serem temas recorrentes em sua produção como um todo.

Assim, apresenta-se a interpretação geral do conceito de fenomenologia e os seus desdobramentos na questão existencial. Logo na observação do termo “aparição”, título da obra de Vergílio Ferreira, encontramos uma abertura para introduzir a reflexão:

Já aqui se insinua na palavra o seu sentido fenomenológico: a significação de uma essencialidade que distingue a pessoa para além do seu corpo, a presentificação essencial de um eu que habita o corpo e que o transcende, mas que acabará por morrer com ele, evidenciando-se, na morte do corpo, a injusta, inverossímil e absurda morte do eu. (PAIVA, 2007, p. 104)

A busca por aquilo que há de mais primitivo e essencial em tudo o que rodeia o narrador e que permeia suas vivências é, analogamente, o mesmo processo de buscar alcançar a essência do seu próprio ser. Isso implica dizer que, do mesmo modo que as coisas aparecem para o sujeito, e que ele procura como que desvendá-las, assim também se dão as manifestações e as essencialidades do ser, pois “o ser que encontramos em nossas investigações ontológicas é, portanto, o ser da aparição” (SARTRE, 2015, p. 18). Só se pode, portanto, investigar os fenômenos conforme eles se manifestam ou, de modo ainda mais fenomenológico, aparecem.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

E se o fenômeno em questão é o próprio ser, ele deve se apresentar a si mesmo. Com isso, é possível observar os sustos da observação do próprio ser nas narrativas. Para Alberto Soares, esse susto se manifesta em um evento de sua infância, no qual o homem olha a si mesmo no espelho de maneira inédita e não se reconhece. É o evento em que, pela primeira vez, interpreta a si mesmo como um corpo estranho, preso em sua condição de alteridade e, dialeticamente, de unidade com a própria consciência:

Olhei. Quem estava diante de mim era eu próprio, reflectido no grande espelho do guarda-fato. [...] Eu, porém, relembra o meu susto à súbita presença de alguém que agora sabia ser eu. [...] Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa mais, que me excedia e me metia medo. (FERREIRA, 1983, pp. 63-64)

Já para Antoine Roquentin, o espanto da realização de si aparece primeiramente metaforizado. São inúmeros os momentos na narrativa nos quais o protagonista se considera sobrecarregado, nauseado, andando pelas ruas da cidade francesa com verdadeira vertigem, pois tudo se apresenta a ele de uma só vez e o sufoca. No entanto, somente em momento posterior da narrativa é que ele parece voltar a contemplação para si, em sua condição individual, compreendendo a relação metafórica entre o que ele observa e o ele que é:

Demais, o castanheiro, ali em frente a mim um pouco à esquerda. Demais, a Véleda... E eu — fraco, lânguido, obsceno, digerindo, revolvendo pensamentos sombrios —, também eu era demais. [...] não estava à vontade, porque temia senti-lo, mesmo agora temo isso, temo que esse sentimento me agarre pela nuca e me erga súbita e violentamente como um maremoto. (SARTRE, 2020, p. 149)

Com base nesses trechos, nota-se que as narrativas se aproximam no tocante ao fato de, para os personagens, a existência assustar e esmagar. Para o protagonista sartreano, o mal-estar advindo da admiração das coisas materiais equivale ao que ele também sente ao se voltar na direção de si mesmo. Analogicamente, o protagonista de Vergílio Ferreira experimenta a sensação de desconforto ao ser confrontado com a realização de si.

A angústia se reafirma por meio da certeza da morte, e é intensificada à medida que esses indivíduos percebem seu fardo de estarem sempre condicionados à introspecção, sempre visualizando suas condições humanas e as suas próprias questões existenciais, das quais não podem escapar nunca, conforme relata Antoine Roquentin: “Gostaria tanto de me abandonar, de esquecer de mim mesmo, de dormir. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos, pelo nariz, pela boca...” (SARTRE, 2020, p. 147).

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Do mesmo modo, não poderia estar mais evidente o problema da realização da existência na narrativa portuguesa quando Alberto expressa, em monólogo, após a morte do pai:

E, todavia, pesa-me como uma pata de violência a realidade da pessoa que somos. Por enquanto sinto a evidência de que sou eu que me habito, de que vivo, de que sou uma entidade, uma presença total, uma necessidade do que existe [...] EU, esta obscura e incandescente e fascinante e terrível presença que está atrás de tudo o que digo e faço e vejo — e onde se perde e esquece. (FERREIRA, 1983, pp. 41-42)

Assim, está relacionada a ação de existir com a natureza fugidia das coisas em ambas as obras, reafirmando como um mantra que tudo aquilo que existe é vítima do tempo. Na obra portuguesa, fica explícito um sentimento de impotência e de desamparo em relação à passagem do tempo. Predomina a interpretação de que o conceito de tempo compreende muito mais do que só o período delimitado de uma vida e as emoções (ou as angústias) que nela cabem, enquanto relaciona-se fortemente com o conceito de memória.

Isso porque, para o professor Alberto Soares, há o entendimento de que tudo o que resta do passado são as memórias e de que até elas podem ser esquecidas, apagadas e modificadas. Manifesta-se a crença de existirem imanências que extrapolam o sentido convencional de tempo:

[...] Se tento recuperar o passado, não o consigo. Os factos que verdadeiramente recordo não têm imediatamente significação. Porque o que eles significam é mais violento e antigo do que eles. (FERREIRA, 1983, p. 88)

Já Antoine Roquentin parece estender e amplificar essa mesma visão, recuperando mais uma vez o fato de a existência ser um fenômeno independente de tempo, o qual existe como entidade autossuficiente:

E todos esses entes [...] de repente existiam e a seguir, bruscamente, já não existiam: a existência não tem memória; não conserva nada dos desaparecidos — sequer uma recordação. A existência em toda parte, ao infinito, demais, sempre e em toda parte; a existência — que nunca é limitada a não ser pela existência. (SARTRE, 2020, p. 153)

Assim, nas narrativas, a memória torna-se tema recorrente, embora Vergílio Ferreira faça maior uso do recurso das recordações, sempre oscilando entre fragmentos do passado e do presente de seu protagonista. Já na obra sartreana, organizada como um diário do próprio Antoine Roquentin, os eventos se apresentam cronologicamente, e o protagonista não parece afeito a relembrar os eventos do passado. No entanto, na obra francesa, o tempo

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

psicológico predomina em fluxos de consciência que orientam diversos monólogos internos durante os momentos de maior angústia dos personagens.

Contudo, apesar de compreenderem essa impossibilidade de reter o fluxo temporal do qual fazem parte, os protagonistas não conseguem se desprender da urgência de contemplar o que é imanente em todas as coisas. É a busca por aquilo que se encontra por baixo do véu da percepção humana, para usar a expressão que ressalta o efeito fenomenológico da obra. Logo, em relação aos espaços, compreendendo os cenários das narrativas, essa interpretação se torna ainda mais tátil. Pois, é buscando uma “estabilidade” na existência ou na permanência das coisas que os dois personagens começam a tomar consciência em demasia de tudo aquilo que os rodeia. Logo, aparece claramente manifestada a concepção fenomenológica atrelada ao problema existencial, como um projeto programático do pensamento de Sartre em sua narrativa: “O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar aqui; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos deduzi-los” (SARTRE, 2020, p. 151).

E, em movimento disfórico, Alberto Soares parece querer justamente deduzir os entes e encontrar suas imanências:

Há uma vida atrás da vida, uma irreabilidade presente à realidade, mundo das formas de névoa, mundo incoercível e fugidio, mundo da surpresa e do aviso. [...] A minha retórica vem do desejo de prender o que me foge, de contar aos outros o que ainda não tem nome e onde as palavras se dissipam com a névoa do que narram. (FERREIRA, 1983, pp. 71-72)

No entanto, o estado de espírito desprovido de paz e causado pela superestimulação do narrador é evidente durante toda a extensão de *A Náusea*, e também aparece em momentos específicos, com maior força evocativa, em *Aparição*, como no trecho mencionado.

## A INFLUÊNCIA DOS CENÁRIOS NO PROCESSO DE INTROSPECÇÃO

Vergílio Ferreira constrói as vivências do protagonista com fundo de memória, oferecendo a descrição por recordação, sobretudo nos anos em que Alberto Soares permanece no Liceu. A construção espacial de Évora é feita de modo a detalhar a beleza e a misticidade que parece encobrir todos os lugares à medida que eles são descritos. Contudo, para além da sensação de contemplar a beleza, Alberto parece perceber a impassibilidade da cidade, intensificada pelo sentimento de solidão:

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Muitas casas tinham jardins. Pois visse eu se os descobria. Cercavam-nos de muros altos como a toda a sua vida. Criar relações em Évora era um milagre. Tudo ali tinha muralhas: a sociabilidade, os jardins e, enfim, a própria cidade. (FERREIRA, 1983, p. 37)

E essa mesma sensação de impessoalidade da cidade se estende na narrativa sartreana, durante os momentos de maior náusea do protagonista que, além de não se reconhecer como pertencente a Bouville, não se reconhece como pertencente a lugar algum:

Que estou fazendo aqui? Por que estão aqui essas pessoas? [...] Sinto vontade de ir embora, a algum lugar onde pudesse estar realmente em meu lugar, onde me encaixasse... Mas meu lugar não é em parte alguma; eu estou sobrando. (SARTRE, 2020, p. 142)

Não passa despercebida a indiferença da cidade, na sua inexorabilidade perante à passagem do tempo e das pessoas, enquanto cenário que existe e que um dia há de sumir, sendo incapaz de escapar da sua passageira e “falsa” materialidade, assim como também é a própria condição humana, representada pela figura dos protagonistas. Em *Aparição*, a única entidade capaz de atravessar tais questões é, fundamentalmente, a existência:

Mergulhados no silêncio nocturno, sentimo-nos não existir. O que existe é como que o absoluto do mundo, a presença aguda das coisas. [...] Só os doidos falam sozinhos, porque não têm medo. O mundo para eles não existe: só existe a sua loucura. Por isso nós, se falamos, nos sentimos doidos, separados subitamente do mundo. O que existe então não é o quarto onde estamos, os livros, a noite; o que existe é este vulcão brutal que sai de nós, o jacto do deus que nos habita, esta monstruosidade que nos adormecia dentro (FERREIRA, 1983, p. 61).

A mesma realização aparece na obra francesa, conforme Antoine Roquentin se aproxima e, ao mesmo tempo, se distancia das ruas de Bouville por sentir que elas são iguais a ele em sua condição temporária e, assim, causadoras da repulsa que nomeia o livro. É nessa percepção de uma angústia a qual ganha força por intermédio da aparição dos entes que o mal-estar passa a ser possuído, reivindicado:

Equívocos: eis o que eram os sons, os perfumes, os sabores. [...] tão logo os retínhamos um instante, esse sentimento de conforto e segurança era substituído por um profundo mal-estar: as cores, os sabores, os odores nunca eram verdadeiros, nunca eram simplesmente eles mesmos e nada mais do que eles mesmos (SARTRE, 2020, p. 151).

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Assim sendo, a observação dos fenômenos de fora para dentro (a partir dos cenários nas cidades, das observações dos seres, das relações humanas que se estabelecem nas duas obras) permite o entendimento da angústia como característica praticamente personificada pela figura dos dois protagonistas. Isso porque o referido mal-estar não é nada além de um desconforto causado pela realização de que espaço e tempo não pertencem a ninguém, não podem ser controlados e nem retidos. Logo, a apresentação do mundo para o ser e a apresentação do ser para ele mesmo são potencialidades que se tornam superestimadas nas narrativas, por consequência desses estados de espírito. Daí surge a angústia de perceber que também as coisas não têm essência e que tudo é estranho e exterior às individualidades de cada ser.

### A ANGÚSTIA DA EXISTÊNCIA PELA MORTE E PELA VIDA

E se podemos definir um ponto de partida desencadeador desses estados anímicos nas presentes obras, ele não é muito diferente daquele que desenvolve praticamente toda narrativa literária existencialista e, quando não, a própria premissa do existencialismo como corrente filosófica: a contemplação sobre o sentido da vida, sempre acompanhada pela inevitabilidade da morte. Em *Aparição*, o enfrentamento da morte acontece mais de uma vez, mais significativamente na morte do cão Mondego acontecida na infância de Alberto e lembrada no capítulo IV, e na morte por suicídio de um trabalhador do campo, antigo sementeiro, no capítulo V. Contudo, é a situação da morte do pai do protagonista que o empurra para dentro de seu espiral contemplativo sobre o sentido da existência: “Mas a angústia que me habita, a violenta redescoberta da morte, que eu acabo de fazer, tornam-me estranha esta cidade branca, separam-na dos meus olhos vazios. Venho de luto, o meu pai morreu” (FERREIRA, 1983, p. 14).

Já em *A Náusea*, o enfrentamento da morte parece acontecer em sentido metafórico, acompanhado por reflexões de ordem ontológica, que evidenciam, desde cedo na narrativa, a condição de um narrador verdadeiramente engajado na contemplação da existência. Ao se deparar com uma folha de caderno em uma poça que chama sua atenção, Antoine percebe que os objetos existem, mas não vivem, e ainda assim se apresentam a ele e são passíveis de serem tocados, como lembrança e metáfora da materialidade de seu corpo, o qual também um dia deixará de existir:

Permaneci curvado por um instante, li: “Ditado: a coruja branca”; depois me ergui, as mãos vazias. Já não sou livre, já não posso fazer o que eu quero. Os objetos não deveriam tocar, já que não vivem. Utilizamo-los, colocamo-los em seus lugares, vivemos no meio deles: são úteis e nada mais. E a mim eles tocam — é insuportável. Tenho medo de entrar em contato com eles exatamente como se fossem animais vivos. (SARTRE, 2020, p. 26)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Captar os momentos de angústia ou do referido “medo” durante a leitura de ambas as narrativas não é difícil. Cada elemento imagético, topográfico e sensorial leva à expressão desse sentimento que sai dos personagens principais, bate nas paredes de suas ambientações externas e faz ricochete, voltando para eles no fim, com intensidade igual ou maior do que a de saída. Como já foi demonstrado, o objetivo principal deste trabalho é o de fornecer essa correspondência entre a contemplação das matérias e a consequente contemplação do próprio ser, culminando numa espécie de crise existencial.

No entanto, uma análise mais profunda dos personagens secundários pode fornecer camadas altamente significativas para a compreensão do mal-estar que preenche praticamente todas as linhas das duas obras. Exemplos muito claros são as figuras de Ana na narrativa de Vergílio Ferreira e de Anny na de Jean-Paul Sartre (há, inclusive, quase uma correspondência de nomes). São personagens secundárias, as quais estão representadas como amizade próxima e interesse romântico dos respectivos protagonistas. Trata-se de coadjuvantes que não ficam imunes ao desconforto que transborda dos personagens principais e que, vítimas da constante necessidade destes de entender o problema fundamental da existência, avançam em direção a essa questão, a entendem à sua própria maneira, passam a ver para além da realidade imediata e logo são lançadas a um estado contemplativo e letárgico ou à euforia.

Em *Aparição*, Ana transpõe seu estado em palavras, influenciada tanto pela companhia de Alberto como pela ocasião da morte de Cristina, sua irmã infante que não resistira a um acidente de carro:

— Não pretenda que eu diga, não pense que eu diga um nome. Sou pequena e sei que a grandeza existe. Existe onde? Existe. Sinto-o em mim como uma pancada no escuro... [...] Sei só que vejo. Alguma coisa mais se misturou no meu sangue e é já o meu sangue. É bom ver... (FERREIRA, 1983, pp. 210-211)

Paralelamente, em *A Náusea*, Anny esclarece a Antoine Roquentin em diálogo com ele:

[...] Que erro! Sim, eu realmente pensava que isso existisse, “o Ódio”, que pousava nas pessoas e as erguia acima delas mesmas. Naturalmente só existo eu, eu que odeio, eu que amo. E então essa coisa, eu, é sempre a mesma coisa, uma massa que se estira, se estira... É uma coisa tão semelhante a si mesma que é de admirar que as pessoas tenham tido a ideia de inventar nomes, de fazer distinções. (SARTRE, 2020, p. 171)

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

As discussões que podem ser feitas em relação aos papéis dos outros personagens nos dois livros são vastas, assim como os paralelos entre eles, para além do sentimento de angústia. Mas, em relação a esse emocional afetado pela condição da existência e da finitude, Sartre explica (utilizando a narrativa de Antoine Roquentin) o porquê de essa contemplação não poder ser feita a partir de um estado sentimental diferente daquele de desconforto e de mal-estar que está colocado em sua obra. É uma das premissas para a introdução ao pensamento da questão existencial como um todo, colocada em *A Náusea* como se a própria obra fosse uma espécie de conteúdo programático desse modo de pensar filosófico:

A existência não é algo que se deixe conceber de longe: tem que nos invadir bruscamente, tem que se deter sobre nós, pesar intensamente sobre nosso coração como um grande animal imóvel — do contrário não há absolutamente nada mais. (SARTRE, 2020, p. 152)

Conclui-se que a questão existencial em ambas obras está diretamente ligada à passagem do tempo, ao caráter fugidio das coisas, como era pretendido mostrar desde o início. Não somente ambas as narrativas obedecem a esse modelo da contemplação do ser pela contemplação fenomenológica dos elementos externos, como também ambas oferecem um desfecho semelhante, conforme os personagens aceitam suas condições, encontrando-se em paz com a inevitabilidade do esgotamento de tudo o que existe, incluindo suas próprias vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, é nos momentos finais dessas narrativas que os estados anímicos de ambos os personagens parecem sofrer uma transição do sofrimento para a conformação. Conformação especialmente com o fato de que nunca, independente de qualquer esforço, será possível captar e apreender por completo as essências da vida e da existência. Nesse momento, para Alberto Soares parece bastar a capacidade de perceber, sem a contemplação do passado ou a adivinhação do futuro. Coloca-se a noção de apego ao presente nas páginas finais do livro, nas quais o protagonista externa que o tempo não existe para além do momento no qual ele próprio está. Depois do fim da narrativa, nas espécies de notas feitas em um presente afastado do tempo em que se deram os acontecimentos narrados na obra, o protagonista disserta:

[...] Não me pergunteis como consegui-lo, não me pergunteis. O que é evidente aparece. Mas nestas noites de insônia em que me vou perscrutando, neste esforço natural como o da terra, em que me vou revelando, eu pude ver, em instantes de fulgor, o que me era, o que me cumpria, o destino que me gravara. E ver é já conquistar, possuir. O terreno é bom, o terreno é este. (FERREIRA, 1983, p. 247)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

E, de maneira análoga, se a premissa do existencialismo pensado pelas linhas de Sartre lida com a questão fundamental não somente da existência, como também da busca pelo sentido da vida, parece seguro dizer que, ao final da obra, o personagem principal de *A Náusea* o encontra ou, pelo menos, chega perto de o encontrar. Mais uma vez, Sartre incorpora o elemento do cenário e da materialidade como um recurso narrativo quando o protagonista tenta explicar seu estado emocional, que está agora influenciado por uma espécie de contentamento:

Sinto que algo me roça timidamente, e não ousa me mexer porque temo que isso vá. Algo que já não conheço: uma espécie de alegria. [...] Não é que tenha muita esperança. Mas estou como um sujeito completamente gelado após uma viagem na neve que estivesse entrando de repente num quarto aquecido. (SARTRE, 2020, p. 200)

Torna-se clara a noção de uma viagem ao centro das questões que por tanto tempo perturbaram a alma de um indivíduo e que finda (ou cessa), sorratamente, à medida que este entende sua condição de existência passageira e a aceita. A vida passa a ser contemplada muito mais no plano em que as coisas realmente aparecem, como poderia parecer mais lógico para uma narrativa de base puramente fenomenológica, que não tivesse como tema o problema da existência e do sentido da vida, o que não é o caso de nenhuma das duas obras aqui analisadas.

Obviamente, isso não implica dizer que a questão existencial poderia ter acabado para esses personagens caso as narrativas continuassem, uma vez que a natureza contemplativa de ambos muito provavelmente faria retornar ao movimento da busca e da inquietação. Nas etapas finais, o que ocorre é um encerramento da sensação de angústia, pois não mais se procura comparar a existência à presença passageira dos fenômenos nesse plano que os protagonistas capturam (ou têm a ilusão de capturar) pelos sentidos.

São inúmeros os pontos de contato e os diálogos existentes entre os romances, o que permite resgatar a noção de intertextualidade anteriormente apresentada pela contribuição de Kristeva. Nesse sentido, é importante ressaltar que a análise comparativa entre *Aparição* e *A Náusea* aqui feita não busca apagar as particularidades específicas de cada uma das narrativas, mas sim apresentar o modo como os romances estão relacionados, pois a influência do pensamento sartreano está muito evidente na obra de Vergílio Ferreira. Portanto, a consideração de Russell ressalta o fato de ser altamente oportuna a apresentação das trocas e conversas entre as duas narrativas.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

O final das narrativas apresenta o fim da fixação pelas imanências para além do sensorial, por intermédio de modelos de descrição pela descrição. Em *Aparição*, a última página (antes das notas posteriores feitas por Alberto Soares) apresenta a sensação de pessimismo que acompanha o fato de aceitar essa questão. É objetiva a narração do evento trágico da morte da personagem Sofia, anteriormente muito próxima a Alberto, como se o narrador sucumbisse, encerrando em tom mórbido, porém realista, o seu comentário:

Para que insistir na minha inquietação e na sua narrativa como quem quer retardar um efeito teatral? Na realidade, no dia seguinte, e com uma clareza sem sombras, como a desse sol de Junho, Sofia apareceu num caminho que parte de junto do Chafariz de El-Rei, assassinada a punhal. (FERREIRA, 1983, p. 243)

Já na página final de *A Náusea*, é feita a descrição objetiva de um cenário específico, mas que agora só é descrito pela sua aparência, exatamente conforme está apresentado à visão do narrador. Para Antoine, não parece existir o desejo de comparar a natureza fugidia daquelas coisas que são vistas à condição passageira de quem as vê: o aspecto presente, por mais supérfluo que seja, parece ser suficiente: “Cai a noite. No primeiro andar do hotel Printania duas janelas acabam de se iluminar. O canteiro de obras da Nova Estação cheira intensamente a madeira úmida: amanhã choverá em Bouville” (SARTRE, 2020, p. 201).

## REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FERREIRA, Vergílio. **Aparição**. São Paulo: Difel Divisão Editorial S. A., 1983.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PAIVA, José Rodrigues de. **Vergílio Ferreira: Para Sempre, romance-síntese e última fronteira de um território ficcional**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. 26ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. 24ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

**EXISTENTIAL ANGUISH IN THE LITERATURE OF JEAN-PAUL SARTRE AND VERGÍLIO FERREIRA: THE PHENOMENOLOGICAL APPROACH TO THE PROCESS OF KNOWING ONESELF**

**Germana Maria de Oliveira Silva**

Universidade Federal do Ceará

[olvjay@gmail.com](mailto:olvjay@gmail.com)

**ABSTRACT**

This study is an analysis of contact points between two literary works with existentialist themes: *Aparição* (1959) by the Portuguese writer Vergílio Ferreira and *Náusea* (1938) by the French philosopher and writer Jean-Paul Sartre. The objective is to present the similarities in the constructions of the anguish experience suffered by the main characters from both narratives and their relation to phenomenological epistemology. As a conclusion, it is noted that phenomenology was the primary tool used by both authors to represent the affliction that arises from contemplating those that can be considered the greatest existential problems: the dichotomy of life and death and the fleeting nature of all things.

**Keywords:** Anguish; Essence; Phenomenology; Existentialist literature.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

**LA ANGUSTIA EXISTENCIAL EN LA LITERATURA DE  
JEAN-PAUL SARTRE Y VERGÍLIO FERREIRA: LA ABORDAJE  
FENOMENOLÓGICA DEL PROCESO DE CONOCER EL SER**

**Germana Maria de Oliveira Silva**

Universidade Federal do Ceará

([olvjay@gmail.com](mailto:olvjay@gmail.com))

**RESUMEN**

El presente trabajo tematiza un análisis de puntos de contacto entre dos obras literarias de base temática existencialista *Aparição* (1959) del escritor portugués Vergílio Ferreira y *A Náusea* (1938) del escritor y filósofo Jean-Paul Sartre. El objetivo es presentar las similitudes en las construcciones de la angustia experimentada por los personajes principales de las dos narrativas, y su relación con la epistemología fenomenológica. Se concluye que la fenomenología fue la mayor herramienta utilizada por ambos autores para representar la aflicción que surge de la contemplación de lo que pueden considerarse los mayores problemas existenciales: la dicotomía vida y la muerte y la naturaleza fugaz de todas las cosas.

**Palabras-clave:** Angustia; Esencia; Fenomenología; Literatura existencialista.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/09/2024

Publicado em: 08/03/2025

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------